

Clube da Saudade

O choro plangente de violões e cavaquinhos

Texto Salésia Dantas
Fotos Arquivo O Poti

Eles se afinam e formam uma só família. Seja por laços sanguíneos, já que quase todos são parentes (irmãos, filhos, sobrinhos e cunhados), ou pelo entrosamento musical. Integram o **Clube da Saudade**, cujo propósito maior é manter viva na memória, o valor das composições antigas, com destaque para as modinhas, sambas-canções, chorinhos e valsas. Peças compostas também por gente da terra e que fazem parte do cancionário potiguar.

O **Clube da Saudade** foi fundado oficialmente em 17 de novembro de 89, não tem estatuto, mas algumas normas. Por exemplo, distribui diplomas entre os sócios, e não permite em suas tertúlias instrumentos de percussão, pra evitar que quebrem o estilo, o brilho dos acordes dos violões, gaitas e cavaquinhos, e não pendam para reuniões de pagodes em fundo de quintal ou de sambão. São cerca de 15 casais de meia idade, além dos agregados e o clube não tem sede, sendo as reuniões realizadas em suas residências, sempre uma vez em cada mês.

Do naipe de compositores de uma época que há muito ficou para trás, o clube guarda em seus arquivos da memória, músicas de Uriel Lourival, autor de "Céu Moreno", e "Mimi", Abelardo e Israel Botelho, este autor de "Júlia" e "Misteriosa", além de outros chorinhos e tangos que ele não deu nome, mas que estão gravados e

de posse dos sócios saudosistas, já que todos estes autores são seus parentes. Mas estas melodias fazem parte das programações de serestas realizadas pelos saudosistas do cenário musical da terra potiguar. Em cada tertúlia é escolhido um autor ou intérprete, que brilhará naquela noite. Mas não apenas os "mais antigos" têm acesso ao clube, em seu quadro a jovem guarda também participa, evocando cantigas do sereno, seja no acompanhamento instrumental ou na formação de corinhos. O importante é colaborar com o fortalecimento do clube. Não existe também cobrança de taxa, mas a doação dos dons musicais para que substitua como patrimônio musical do Estado, com proteção em outras partes do Nordeste, para onde tem se deslocado a convites.

DIVULGAÇÃO — O clube já participou de vários encontros em João Pessoa, Recife e Fortaleza, levando sua colaboração na divulgação das modinhas aqui nascidas. É com entusiasmo que Louridinha Canuto, uma das sócias-fundadoras, destaca que várias fitas foram levadas para Houston-Estados Unidos, onde uma filha reside, com gravações das apresentações do Clube da Saudade e vistas em reuniões culturais naquele país.

Nos encontros musicais, o acompanhamento é feito na base dos violões plangentes e do miúdo toque dos cavaquinhos, uma tarefa que vai passando de pai para filho, através de várias gerações, numa forte herança musi-

cal. E as madrugadas são varadas com o violão chorando acordes antigos ao lado das poesias recitadas em lirismo extremo. Tradicionalmente, as reuniões são abertas com a canção "Saudade", do autor potiguar Lourival Assuncena: "Saudade de rever os meus/Saudade dos carinhos teus/Saudade quem é que não tem/Somente alguém que nunca quis bem". E assim este sentimento toma conta do ambiente.

Alguns profissionais do ramo musical estão incluídos no clube. Walter Canuto, antigo seresteiro, tomou parte por muito tempo, em 1941, do conjunto Vocalistas Tropicais, que durou cerca de 12 anos. É também poeta e glosador com trabalho incluído em livro no gênero, de Celso da Silveira. Também compo o Clube da Saudade, Botelho Neto (irmão do seresteiro Roldão, falecido), Mabel, Wellington Leiros, Alice de Souza, Ernani Rodrigues, Manoel Carvalho, Raimundo Leitão, Cauti Revoredo e outros que vão se juntando ao grupo.

Os intérpretes mais preferidos do repertório do **Clube da Saudade** são Orlando Silva, Chico Alves, Carmem Miranda, Araci de Almeida, Izaurinha Garcia, todo o time da década de ouro da MPB, de 30 a 40, se estendendo até os anos 50. "Daí, a música nacional começou a cair de valor, retomando em 60 e 70", lamenta um dos sócios. As noites de Lua não passam em branco, e servem de complemento para as serestas nos jardins das residências, como fosse antigamente.



Manter sempre presente na memória, as composições feitas pelos antepassados é o lema dos componentes do Clube da Saudade, onde chorinhos, valsas, modinhas e canções formam o repertório apresentado durante as tertúlias que são realizadas mensalmente, em cada casa dos sócios



Modinhas do Estado têm sua origem baiana



Pesquisador Cláudio Galvão

O professor Cláudio Pinto Galvão, da UFRN, pesquisador da produção musical antiga no Estado, recentemente teve publicado na revista Artunesp, da Universidade de São Paulo, seu trabalho "Modinhas Baianas do Século XIX no Rio Grande do Norte", que foi apresentado durante encontro nacional de professores de História da Arte, realizado em Salvador ano passado. Nele, registra que, as modinhas aqui pesquisadas, a maioria delas é de origem baiana, e para coletar estes dados, teve como fonte uma informante com 89 anos de idade.

Em seu trabalho de pesquisa destaca que a modinha é um tipo de música popular urbana que somente há pouco tempo vem despertando a atenção dos musicólogos, e que foi bastante cultivada no Brasil até as primeiras décadas deste século, quando novas formas tomaram o lugar de destaque que possuía e determinaram a paralisação de sua produção. Mas ressalta que ela é

um documento essencial do nosso passado, onde se podem buscar variadas informações. E nas pesquisas que vem realizando sobre o assunto, em busca do registro gráfico das modinhas no Rio Grande do Norte, Cláudio encontrou um vasto número de exemplares que tinham sua origem na Bahia.

Cita por exemplo, a modinha de Xisto Bahia, com o conhecido nome de "Quiz Debalde" e também as que tiveram como letras as poesias de Castro Alves, "Gondoleiro do Amor", "Adeus de Tereza", "Boa Noite" e outras, que ele conseguiu juntar num total de 15 peças. Sobre a música, Cláudio Galvão cita que não foi possível conhecer com exatidão, a sua origem, tendo informações de que, muitas foram de autores natalenses. Mas ele conserva a prudência de aceitar que suas origens tenham vindo mesmo da Bahia.

De sua coleta de dados sobre a modinha e seu vínculo com o Estado, Cláudio

conseguiu saber que data de 1880, quando o natalense Manoel Segundo Wanderley se matriculou na Faculdade de Medicina da Bahia e já entrosado com a poesia publicaria livros em 1883 - Estrelas Cadentes, e em 1887, - Miragens e Prismas. Após formar-se em Medicina, casa com uma baiana, sendo padrinho por parte do noivo, seu ex-professor da Faculdade, médico Manoel Vitorino Pereira. O casal morou em Salvador até 1889, tendo lá nascido a primeira filha.

Depois foi transferido para Natal, chegando aqui em 1889. Sua mulher, a baiana apelidada de Pequena, faleceu em Natal sem jamais ter voltado à sua terra. E com saudade da Bahia, cantava para os filhos as canções que aprendera em sua infância e adolescência. As informações foram fornecidas ao pesquisador Cláudio Galvão através de sua filha Consuelo com 89 anos, que ouvia de sua mãe as cantigas das terras da Bahia.

